

REDACÇÃO PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AMNISTIA

E' hoje, segundo crônicas as gazetas, que pela mão do sr. António Granjo será apresentado ao parlamento o projecto de amnistia aos presos políticos.

Repararam no italiano. E' nesta diferencial que reside o seu fundamento a razão destas laudas.

Em Portugal, onde há sempre mesa posta para todos os políticos, para toda a mucedumbre asilada nos recantos dos ministérios oficiais e milicianos, existem semestralmente e trimestralmente, diferentes movimentos que, num crescendo seriado de revoluções, se destinam a categorizar indivíduos que logo tratam de inflar as algibeiras e pôr a barriga em colossal lausperenne nas graças patasidárias da abundância. Começam para eles as vacas gordas; enquanto que para os outros se sucede um período efêmero de apass, logo finalizado pelo mitimismo que lhes reveste o carácter.

Até aqui nada de notável. A democracia republicana não se fez para implantar princípios; apenas para alargar os convívios ao regaço orçamental e os candidatos à lavoura de não fazer nada. Nesta chafaranga revolucionária em que os vermelhos se afirmam aos olhos com impetuosos de feras ciosas e os brancos esguerdam os vermelhos com garra de berra, vem sempre, como epílogo do 1.º volume do chuintim, uma apoteose com a bombinha branca da concórdia batendo as azas e sua aderente grinalda de oliveira adejando ao leve. Então todos se beijam, todos comem, todos roubam.

Assim a empresa prosperou e o sobre-povo com esgaros simiescos aplaudiu numa inconsciência o categorizar abaixo das asidias, perante estes amfibios sempre em arribação ou em emigração.

Um dia, por acaso, debaixo dos charcos esquerdos duma desinteligência combinada de Teixeira de Sousa, com meia dúzia de gatos, a úria botava barrete frigio, e em arremedo à 93 francesa, batava a fugir os restos — trapos de ferro velho — da monarquia que se escapuliram por todas as estradas que deitavam à raia. O caso passou-se e a claqué palmeou novo regime, ante as labitas de se despiam a toda a força e os políticos que emergiam do fundo da caixa dos escupês. Resultado: nesse mesmo ano a república multiplicou a cavalaria já enolizada de republicana. O governo provisório, onde havia barbas brancas e mais o raciocínio monoteísta, entreteve-se a escorraçar padros — obra sanitária que se punha — e feito isto enfaixou as almas e foi-se.

Apareceram os conceiristas. O povo partiu deabalado para o leito e voltou herói. As comendas choveram, as fundações estavam na ordem do dia, e o povo cego e ledo não coadunava de réis de planos económicos que além menos transformavam o Alentejo numa planície havel, que nos desse, além do sr. Camacho, algumas couves, um pouco de pão.

Agora o ciclorama: intontadas, os que queriam a guerra para comer, e os que não a queriam por cobardia, o pimentismo, o 14 de Maio, as facadas na constituição, o frampolinismo de pilos, a roubalheira de todos que deixaram as portas do inferno da fome, sem pão, sem azeite. O povo serviu de tudo e para tudo: de exploração.

Chegou Monsanto. Os oficiais iam nos quartéis deserto o outro onde em dias de grávido se durava a bandeira republicana; tropas dispersas, pulverizadas, e outras, as mais bem organizadas, ao cimo da serra, com canhões, vomitando a morte e lampejos de fogo. Começou a epopeia. Cada hora, foi um tintam. Na hora da madrugada, na hora caótica da explosão do elemento directivo da luta, aos poucos canhões que ressaltam, sem armas e sem comandos, com um sorriso de desprezo lábios, bateu-se e venceu como herói antigo e glorioso. A' vol-

ta da serra, coberto de sangue negro de pólvora, ele nada pediu à república.

Engano-me, Reclamou que os seus presos fossem soltos e eles continuaram presos. Mas a luz estava feita. A consciência iluminou-se, viu, aprofundou e desde esse dia a república divorciou-se do povo e só serviu para alimentar os púrrios, os nulos, os invertidos, os escrocs e os gatunos de golpe.

Pois bem. Surge-nos agora o sr. Granjo com um projecto que eu não combato, porque a liberdade como o ar ou a vida a todos pertence e de todos é sagrada, a pôr na rua, com honrarias e com homenagens, os monárquicos e toda a frandulagem que vive na república como sapo em charco.

Nesse projecto não existe — reparem — um único capítulo, um único parágrafo, uma linha, uma letra, que se refira aos presos por questões sociais, aqueles que salvaram a república, aqueles que não querem comer, aqueles iluminados, apóstolos de todos os tempos, precursores de todas as épocas, Jesus Cristos há vinte séculos, Tolstois de agora, que caminham latando por uma ideia que meus lábios resam: a anarquia e por três princípios que a minha alma, o meu coração e o meu cérebro amam e querem: Justiça, Verdade e Liberdade.

Para uns, os que comem: a mão aberta; para outros, a fome ainda, a prisão ainda, a treva sempre.

Ma nasquelas trovas existe mais luz, mais ar, mais vida e mais alegria que em todas essas cavernas políticas.

Se eles ali estão é em nome do futuro. Deixaram de ser homens, para serem princípios, ideias vividas.

Tem nome: justiça.

O sr. Granjo oscila, o sr. Granjo vai cair. Quiz passar à posteridade agarradinho ao decreto de amnistia, mas ele será a sua morte e mais: a vergonha da república chagada, abusada, cancelada da lepra que lhe pegaram os que a ela se encostam.

Que direito há em soltar os que queriam a morte da república quando os que a salvaram estão presos?

Nenhum! Venha a amnistia! Sim, venha a amnistia Mas para todos, todos.

A maior reparação para a maior injustiça. Essa reparação é devida aos que, sem armas, sem nada, subiram as encostas de Monsanto e se sacrificaram, crucificaram o corpo e a vida, à morte e à metralha.

Venha a amnistia sim venha! Para todos todos!

A república sem o povo é já um lodagal, amanhã só com políticos será uma sentina. Não queremos prisões; queremos justiça. Para lá, os que roubam; para cá os que trabalham e os que tem ideal, os que tem vida. E isto até à grande noite da revolução, até àquela madrugada que meus olhos em chama vêm triunfando, cobrindo o horizonte, enchendo a terra, alastrando-se pelo mundo, tam vermelha e tam grande que nesse dia o sol será maior e a alegria tam intensa que a embriaguez divina das coisas correrá em torrentes das almas e da natureza inteira...

Artur PORTELA.

C. G. T.

Conselho Confederal

Para apreciar a questão pendente da última sessão relativa à questão ferroviária, reúne hoje, pelas 20 horas, o Conselho Confederal.

Os negros revoltam-se

A polícia fez fogo matando vinte e dois operários indígenas

LONDRES, 26. — Dizem do "Port Elisabeth" que houve uma grande rixa com negros no sábado, derivada por ter sido preso Masabalaba, presidente dos operários indígenas.

Os pretos pretenderam tomar de assalto as esquadras de polícia, atacaram a casa do governo pretenderam largar fogo aos depósitos do petróleo, e cortaram os fios telegráficos.

A polícia fez fogo matando vinte e dois negros.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Situação financeira Dia a dia, declaram-se na praça de Lisboa pequenos desastres, incidentes de somenos importância, autênticas bagatelas: O sr. S... perdeu 2.000 contos, o sr. T... perdeu 400 contos, e muitos perdem quantias cuja posse afinal dificilmente poderiam justificar com inteira clareza, por uma forma aceitável.

Sabe-se, toda a gente sabe, que meia dúzia de argentários mantem uma baixa fictícia, levando à ruína outros de rins menos fortes.

E' nos indiferente o facto.

Mas... lembra-nos, muito a propósito, uma história...

Um dia, vários parceiros jogavam qualquer honesto joguinho cartado: não sabemos ao certo se era a busca lambida, ou se era o «bridge»... Acontecia que determinados parceiros, ganhavam com uma persistência desconcertante, irritante mesmo... Ora sucede acesar-se do grupo, um espectador, desses ingenuos que às vezes aparecem, o qual viu, ao cabo de poucos momentos, que havia grossa batota... Pensou uns momentos...

Tinha conhecimento de tanta miséria... Havia em cima tanto dinheiro...

Deu um encontro na mesa, declarou alto e bom som o que descobriu, correu todos a pontapé, arrecadou o dinheiro que ficava, e...

Houve menos algumas lágrimas, e mais algum pão em muitos lares...

O herói da aventura, não cuidou de saber como os tais parceiros saldaram as contas...

Está claro que isto é apenas uma história...

Mas... o aviso ali fica. E' de graça, porque... virá depois a paga...

União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa, que ontem reuniu, ocupou-se de diversos assuntos e entre eles da atitude do governador civil no que respeita à liberdade de reunião, que está sendo calçada pela mesma entidade, contra o que que mandam as leis que regulam o assunto.

O Conselho de Delegados, que hoje reúne, ocupou-se de outros assuntos que interessam sobremaneira a organização operária desta localidade.

O caciquismo em acção

Em Beja conserva-se preso e incommunicável, há 20 dias, um camarada nosso?

Segundo nos informam, desde o dia 6 do corrente que se encontra preso e incommunicável, em Beja, o nosso camarada José Pedro de Almeida, relojoeiro naquela cidade, sem que se saiba a razão de tam violenta perseguição, que só se explica como sendo mais uma manifestação de arbitrio das autoridades, que parecem apostadas em desacreditar cada vez mais a república, atitude que já levou um jornal da dizer:

«Que mal fez o relojoeiro José Pedro de Almeida? Se o prenderam unicamente por ele professor ideias liberais, achamos que a autoridade não procedeu bem. As perseguições injustificadas comprometem sempre quem as faz. E a República não lucra nada com a prática de semelhantes processos.»

José Pedro de Almeida foi preso no referido dia, sendo levado para a esquadra, transitando depois para um calabouço do quartel da guarda republicana, onde ao fim de três noites foi acometido duma congestão. Chamado um médico, compareceu o dr. sr. Faleiro que recebeu o devido medicamento, mas o comissário da polícia ficou, parece, com a receita na algibeira.

O dr. Faleiro, fazendo nova visita ao doente, por compreender o que se passava ou por achar o estado do preso de certa gravidade, requisitou-o para dar entrada no hospital, onde foi conduzido, estando guardado por uma sentinela, não podendo receber a visita de ninguém, mesmo de sua mulher; o rigor é de tal ordem que nem lhe consentem que faça a barba.

Ora, realmente, é para revoltar o espírito mais pacífico que se cometa uma arbitrariedade de tal ordem, que outro fim não tem que prejudicar a saúde e a vida dum trabalhador, satisfazendo os rancores políticos, e talvez até pessoais, dos caciques da terra, que odeiam a causa do povo e por isso exercem toda a casta de infâmias contra os que tem a honrabilidade de lutar por uma sociedade mais justa e livre.

E depois vem os políticos afirmar, patentemente a sua ignorância ou a sua má-fé, que os operários provocam agitações. Os servidores da república é que promovem a desordem com as suas perseguições.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Pessoal dos tabacos

As comissões de melhoramentos deste pessoal (Extraordinário e "Régie") avisaram-se ontem com o ministro das finanças afim de conhecerem o que havia feito no que respeita às suas reclamações de melhoria de situação, reclamações essas há muitos meses entregues ao governo e Companhia, sem que até hoje tivesse havido qualquer solução. O ministro declarou que encarregou o comissário dos tabacos de elaborar um trabalho muito necessário e com urgência afim de habilitar o mesmo ministro a apresentar a respectiva proposta de lei no parlamento, para acudir à precária situação em que estes operários se encontram.

COISAS APROVEITÁVEIS

descuidosamente recolhidas
numa passageira vista de olhos
pela imprensa francesa

O todo acompanhado de comentários expontâneos

Uma rápida leitura aos jornais franceses recentemente chegados a esta redacção forneceu-nos as breves notas que abaixo publicamos, todas elas extractadas da imprensa avançada. A permuta da Batalha tem um cunho muito particular. São as folhas revolucionárias cá nos chegam, e de todas as partes do mundo as recebemos. Jornais socialistas, jornais sindicalistas, anarquistas, bolchevistas — dinamitistas mesmo. Se um redactor da E'poca entrasse cá benzer-se há três vezes, ao ver quanta energia por esse mundo inteiro se dispense na propaganda dos novos ideais.

Cuidado com estes animais!

Max Linder — não é preciso apresentá-lo, conhece-se — Max Linder, o artista cinematográfico, esse mesmo que há anos se produziu em Lisboa, no teatro da República, com duvidosa felicidade, por sinal — esse mesmo se encontra há tempo na América. A vida dum artista de cinematógrafo é uma série interminável de fijas. Pois com Max Linder há pouco se passou uma fija, a pior talvez da sua carreira. Devia o bom do nosso cómico entrar na jaula duma lioa que a tanto obrigava a scena cinematográfica em elaboração. Tem a fera o lindo nome de Lucilla e nada fazia prever as suas hostis disposições para com Max, porquanto ensaios anteriores se mostrara toda obsequiosa e acolhedora. Ainda na véspera da representação Max entrara na jaula, e Lucilla, cativante em extremo, não descurou um só preceito da civilidade... felina, parece que observando a etiqueta até ao ponto de acompanhar o visitante à porta, no momento da saída. Simplesmente, enquanto se tratou de ensaios, o bom do nosso Max, que é duma elegância petroniana, apresentava-se na jaula com aquele esmero de toilette que lhe são habituais. E quando foi a representação a valer, os aparelhos focados, a luz graduada, Max, que figurava na scena de maltrapilho, transpõe as grades de miss Lucilla num negligé todo obrigado a farrapos, remendos e rasgos, para mais servindo num cachibom plebeu, de forno amplo, a fumegar que nem uma elamíné. Estes modos não foram do agrado da simpática lioa. E não tendo ainda atingido Lucilla aquele grau de civilização preciso a disfarçar, em fórmulas cordialmente hipócritas, as manifestações de desagrado, procedeu como destemida lioa que é, e deitando as botas ao assombração, Max, eravou-lhe no ombro as mandíbulas temíveis. O infeliz artista não foi totalmente comido, parecendo que ficou ainda com a carne suficiente a garantir-lhe a vida. Junte-se, porém este caso: aquele outro de que recentemente foi vítima o rei da Grécia, e observarmos há que os animais estão agora perigosamente ferozes, intratáveis, sangüários. E' talvez por terem aproveitado bem o exemplo que os homens lhe deram não há muito.

«A sr.ª André Lécalle quer impôr-nos a sua bandeira sem ter-nos consultado. Nós já temos a nossa, e essa nos basta: a 1870, que os nossos antepassados nos confiaram, e nós estimamos particularmente. A sr.ª Lécalle disse a um dos nossos que essa bandeira era a dos vencidos. Vencidos é certo que o fomos, mas por culpa do regime bonapartista que talvez alguns pensem fazer reviver...»

«Os 1.500 francos já recolhidos por essas damas seriam melhor empregados em aliviar a miséria das viúvas e órfãos da grande guerra em que, desta feita, ficamos vitoriosos, merced dos nossos bravos poilus. Quanto ao «emblema alvino da nossa bela pátria», a que a sr.ª Lécalle alude, ele não poderia ser, na presente ocasião, mais que um pretexto para declarações e paradas. Um infimo grão de milho convir-nos hia mais que tudo isso...»

E para exacerbar ainda o desapontamento das patrióticas damas, comenta um jornal:

«Mas isto é bolchevismo, minhas pobres senhoras! Introduz-se então em toda a parte, esse monstro! Bolchevismo, o que se chama bolchevismo, não será. Mas sempre se trata dum critério muito superior ao usual larachismo burguês. Afirmamos do género destas não sendo muito vulgares em França, são raras em Portugal.»

A justiça: lá como cá

Cinco dos mais valiosos militantes sindicalistas revolucionários da França há meses se encontram presos. São eles: Liorit, Monatte, Monmousseau, e B. Souvarine. Os detidos endereçaram agora ao juiz de instrução a seguinte carta:

«Sr. juiz de instrução: — Após cinco meses de prisão preventiva, por «complicidade contra a segurança do Estado» permitam-nos V. Ex.ª que lhe perguntemos a razão porque não nos fez ainda uma única pergunta sobre esse *complicité*, no qual segundo parece, pela acusação de V. Ex.ª, nos teríamos tomado parte. Desculpe V. Ex.ª a nossa curiosidade e digne-se aceitar, sr. juiz, as nossas saudações.»

Em Portugal, como em França, a justiça procede deste modo. Não chegará um dia em que sejam julgados os juizes?

Comer, vestir e calçar

Lentamente, muito lentamente, mas o certo é que o custo da vida baixa em França. Mesmo que se conservasse estacionário já isso seria uma apreciável vantagem aos nossos olhos, visto que em Portugal as coisas todas sobem, de dia para dia.

Pois em França descem. Assim, o açúcar, que estava a cinco francos e sessenta centimos, custa hoje apenas cinco francos, e há esperanças de que desça para quatro francos muito em breve.

Um fato, feito à moda, calça com dobra e tudo, custa cento e cinquenta francos. Não será grande especialidade, mas essa mesma porcaria custa em Lisboa o melhor de cem mil réis. E um par de botas? Quem tiver 80 ou 90 francos já não fica descalço, podendo dizer-se até que não fica mal calçado.

Junte-se 25 francos para um chapéu de feltro e aí temos um homem magnificamente encadernado, com um dispêndio que é menos di metade do que em Portugal seria preciso. Isto é que em França, o país que com a guerra mais abalado deveria ter ficado.

AMANHÃ:

Artigo de Hamon

A influência da Revolução Russa no exterior.

Tremor de terra

Aldeias destruídas e muitos indígenas feridos

JOHANNESBURG, 26. — Houve um tremor de terra na região do Rand na sexta-feira, ficando destruídas algumas aldeias e receberam ferimentos muitos indígenas. — Rádio.

A chegada dos poveiros

Do Núcleo de Ressurgimento Nacional recebemos uma nota correndo a notícia de que o povo de Lisboa a comparecer hoje, pelas 10 horas, na Rocha do Conde de Obidos, a fim de saudar os poveiros que se recusaram a aceitar a naturalização brasileira, e que aquela hora devem chegar num paquete vindo do Brasil.

AS GREVES

Ainda se mantem em luta os ferroviários

Não se modificou a greve dos ferroviários, que há longos dias se vem arrastando, talvez muito a contento daquelles que a provocaram, mas de grandes prejuizos para o país, que se vem sacrificando.

E' certo serem continuado as negociações entre os ferroviários e o governo; porém, ainda nada de positivo foi resolvido, protelando-se assim um caso que já poderia e devia estar solucionado.

As máquinas e o restante material circulante vão-se inutilizando diariamente, e se acaso o conflito não termina em breve, veremos como os serviços se poderão normalizar, de forma a atender as exigências do público.

Nota oficiosa

Do Comité Central dos Ferrovios de Portugal

A comissão de ferroviários da C. P. teve uma conferência com o ministro do comércio ontem, pelas 11 horas, no respectivo ministério, nada de positivo resultando dessa entrevista, a não ser a declaração de que a questão do pessoal destas linhas só será solucionada quando o tiver sido a dos ferroviários do Estado.

Por sua vez, a comissão dos ferroviários do Estado avisou-se com a mesma entidade no Parlamento, sendo marcada nova conferência para hoje, às 12 horas, no ministério.

As últimas notícias chegadas do Norte e do Sul do país, dão a greve fortemente intensificada e o moral dos grevistas absolutamente garantido para o seu prolongamento, visto que era este o caminho que o pessoal havia resolvido seguir, logo que o governo demonstrasse qualquer tendência em terminar com as negociações.

Da parte deste comité e dos grevistas, tem-se evidenciado uma relativa transparência sobre a qual se poderia estabelecer uma plataforma de conciliação.

Por cada dia que passa, mais se agrava a situação económica e financeira dos caminhos de ferro, sujeitando-se o público a viajar sem a mais leve garantia da sua segurança pessoal e muito menos das suas mercadorias.

Os descarrilamentos, os choques, os atrasos, as avarias e tudo quanto pode contribuir para a irregularidade dos serviços ferroviários, sucedem-se ininterruptamente, pondo em perigo a vida de quem viaja nos comboios militares, a quem são feitas todas as violências sem respeito pelos interesses e pela dignidade de quem há muito anela pela terminação do conflito, pelos prejuizos de toda a ordem que sofre.

No Sul e Sueste quasi todas as máquinas se acham inutilizadas, restando apenas as que não puderam pôr em circulação, devendo dentro em breves dias, se o conflito não tiver uma solução imediata, produzir-se a inutilização das que restam, além dos prejuizos que todo o material circulante sofrerá.

Os roubos são enormes, em todas as rédes, podendo-se afirmar que todas as mercadorias estão a saque, como declarações feitas nos jornais de ontem, por algumas vítimas, comprovam.

As medidas do governo, para que este estado de coisas termine, limitam-se ao envio para o Barreiro da charanga do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro, que mais uma vez, no dia 24, deu um concerto na esplanada das oficinas gerais.

Em Vendas Novas

A normalização e outras notas

VENDAS NOVAS, 25. — Desde o segundo dia de greve no Sul e Sueste que o governo vem dizendo em notas officiosas em vários jornais, que os serviços ferroviários estão quasi normalizados, isto para o fazer acreditar ao público, e deixara impressão nos grevistas que tal facto, é verdadeiro. Mas sabem ainda melhor os grevistas que a normalização só existe nessas notas, assim como o público também o conhece, pois se tem visto nos apertos das bichas para a compra dos bilhetes, e se quer ir a qualquer parte, ou não tem comboio, ou se o tem leva três, quatro e cinco dias a chegar ao seu destino não andando de noite.

A normalização, fiquem sabendo o governo e o público, nunca poderá ser completa enquanto os grevistas não retomarem os serviços, posto que das providências tomadas já não há a esperar melhoras, antes pelo contrário, como se está vendo.

O comboio de passageiros do dia 20, para o Sul, saiu desta estação com o atraso de 3 horas.

O de mercadorias de 21, do Barreiro a Beja, chegou com grande atraso e ficou sem efeito por motivo de avaria na máquina, seguindo esta para o Barreiro no comboio de mercadorias de 20, que só aqui passou às 13, do dia 21, com 22 horas de atraso.

O comboio de passageiros do dia 22, saiu de Lisboa com 1 hora de atraso, e de Vendas Novas, com 5,30. Neste dia foi o comboio de mercadorias de Beja ao Barreiro, e o desta a Beja passou com atraso superior a 6 horas.

O comboio de passageiros para Lisboa, no dia 23, passou com 1 hora de atraso, o de Beja ao Barreiro com 2 horas, e o do Barreiro a Beja chegou às 16 e partiu às 9 de 24, ou seja com o atraso de 22 horas.

O comboio de passageiros para o Sul, de 24, saiu daqui com o atraso de 4 horas e 35 minutos, o de mercadorias para o Barreiro com 2 e 30.

O comboio de mercadorias do dia 24, do Barreiro a Beja, chegou a Vendas Novas às 19, quando devia chegar às 10 horas e 41 minutos e partir às 11: pois só seguiu às 9,15 do dia 25. Neste comboio seguia a carruagem do pagador, naturalmente a pagar outra vez aos amarelos.

Quem tem necessidade de viajar nestes comboios, tem de despedir-se da família e levar o farnel bem aviado, pois viagens há como são as de Lisboa a Vila Real, para as quais são precisos quatro e mais dias, sempre mal sentidos, muitas vezes em pé, e muito apertados. Disto sou eu testemunha; os passageiros são sempre muitos, porque os carruagens são poucas e nos dias em que há comboios para Lisboa, não os fazem para o Alentejo e Algarve, e vice-versa, do que resulta a grande afluência de passageiros, o que é verdadeiro, como também é verdadeiro, quando há gente nos comboios, não os pagam pouco e outros não pagam nada. Assim, há dias, muitos passageiros, vindos do Alentejo para Lisboa, pagaram bilhete do Barreiro para Lisboa, sendo eu um desses, pois, fazendo no comboio um percurso superior a 60 quilómetros, só paguei \$50 de vapor.

O que se observa nestes comboios da normalização, é que, o passageiro tira bilhete se quer, para onde quer e donde quer; se embarcou em Évora, tira bilhete na charanga quando já tem passado Casa Branca para Pegões, e vai até Lisboa, etc.

Pelos poucos transportes de mercadorias, e pela pouca fiscalização e nenhuma prática na revisão de bilhetes, não é possível que a receita cubra as despesas feitas com os milhares de militares a quem o Estado gratifica, pois em tempo de serviço normal 6 homens bastam para um comboio de 50 vagões, e agora comboios há que levam mais de 20 homens.

No dia 20, nesta estação, o comboio de passageiros de Lisboa para o Algarve ia chocando com a cauda do comboio da C. P. Evitou o choque o inspector-capataz sr. Matias.

O comandante da força que aqui está, disse aos amarelos que lhe dissessem quem os tratava por este nome, para os prender. — Um ferroviário.

Em Évora

Os grevistas mantem-se com firmeza. — O inspector Ferrão ensaia um pagador para meter o «vigário» ao pessoal da construção.

EVORA, 23. — Nas linhas de Vila Viçosa, Mora, e Construção da de Évora a Reguengos, continua a accentuar-se, sem desfalecimentos, o carácter de integral solidariedade do seu pessoal, não havendo a registar apresentações que prejudiquem a sua justa causa, que será defendida por todos os meios ao alcance e sem se abandonar a norma correcta até aqui seguida.

Em 21 do corrente, deu-se um facto que merece uma menção especial, pois ele revela o firme propósito de desmoralizar os camaradas ferroviários que tam altamente souberam demonstrar a força moral de que dispõem para contrapor à reacção que sobre eles queriam ou querem exercer ministros conspicuos na asneira. E' o caso que tendo vindo realizar o pagamento à secção da construção da linha de Évora a Reguengos, o pagador Lamy, este começou por aconselhar o pessoal que ali faz serviço, e que na sua totalidade é grevista, a fazer requerimento para a sua readmissão ao serviço, visto que o governo já tinha concedido uma subvenção sobre os vencimentos a quem respeitava o decreto Barba, variando essas subvenções entre 90\$, 75\$ e 60\$ e que ele, pagador, percebia 75\$ com o que se achava satisfeito; além disso, a greve era um movimento fraco, visto que o governo estava na disposição de não chegar a um acordo e que o pessoal de construção nada tinha que se relacionar com o de exploração, tanto mais que entre o pessoal dum e doutros serviços as apresentações eram constantes e que iam ser postos em circulação comboios com elementos militares, e, portanto, aqueles que não requererem a readmissão se estavam abismando na miséria. O diabo é que bateu a mão porta e às objeções que um destes camaradas lhe fez, deixaram perceber que as asserções proferidas eram falhas de veracidade, e, até, o papel que se propunha desempenhar vinha mal ensaiado pelo arguto inspector Ferrão.

Tudo isto tem graça porque o referido pagador é nosso consócio. — S. R.

Operários municipais

Pelas 17 horas de ontem, reuniram as classes dos operários municipais, fazendo uso da palavra vários camaradas que se pronunciaram contra a atitude da câmara, sendo unanimemente applaudidos.

A sessão teve de encerrar-se às 18,20, devido à intervenção da polícia, retirando-se todos os assistentes ordenadamente, dando vivas à greve, C. G. T., U. S. O. às classes em luta, Batalha, etc.

Reunem hoje, novamente, às 17 horas na sede, travessa da Agua de Flor, 16, 1.º.

O comité enviou-nos a seguinte comunicação:

Camaradas: até a data ainda não nos foi comunicada uma nota sequer desagradável para a marcha brilhante do nosso movimento, mostrando assim que os operários municipais já não estão dispostos a sofrer da parte da Câmara as arbitrariedades c.m.o anteriormente.

Continuam os camaradas bombeiros permanentes, por não saberem cumprir com dignidade o regulamento dos bombeiros municipais, prestando-se, com o auxílio de mangueiras, a fazer a lavagem de sargento em algumas artérias da cidade, não subindo, com um gesto de solidariedade, secundo o acto digno de camaradas do quartel n.º 2, acto este que já mais será esquecido por toda a classe trabalhadora organizada.

